

## 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

# FILOSOFIA

### CIÊNCIA MODERNA, TÉCNICA E POLÍTICA

<sup>1</sup> Caetano Torelli de Mello Maia (IC-UNIRIO); <sup>2</sup> Valéria Cristina Lopes Wilke (Orientadora)

1 - Faculdade de Filosofia; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

2 - Departamento de Filosofia e Ciências Sociais; Faculdade de Filosofia; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio Financeiro: UNIRIO

Palavras-chave: Ciência Moderna; Política; Discurso.

#### INTRODUÇÃO

Este trabalho visa mostrar os primeiros resultados da pesquisa “Ciência e Estado-nação brasileiro: a faceta política do conhecimento científico”, vinculado ao projeto “Dispositivo informacional e a ação educativa científica: a formação para ciência no Estado-nação brasileiro” que é desenvolvido pela profª. Drª. Valéria Wilke. A investigação, ora em desenvolvimento, tem como objetivos averiguar pelo viés histórico-filosófico a faceta política da ciência moderna; investigar a pertinência da compreensão da ciência moderna como um dos elementos fundamentais da nação como semióforo; e pesquisar a presença da ciência moderna no Estado brasileiro no período republicano até a década de 1960. O presente estudo debate algumas questões ligadas à ordem política nos discursos da ciência moderna: em torno de que gira a política na ciência, isto é, em que âmbito podemos encontrar a política? Para tanto, apresenta-se duas perspectivas em relação a isso: uma que aborda a questão em termos ideológicos e outra que trabalha com a estrutura interna da ciência.

#### OBJETIVO

No âmbito desta apresentação, vamos nos ater à discussão de como as visões sobre a política na ciência abordam âmbitos diferentes. Para isso iremos trabalhar com autores que divergem quanto ao modo de compreender a própria política e os enunciados formulados pela ciência.

(proximidades e rupturas) estabelecidas pelas ideias do autor em relação à tradição filosófica, com o intuito de uma busca pela melhor compreensão da forma como pode ser abordado o tema da mentira em diferentes contextos.

#### METODOLOGIA

Privilegiou-se a pesquisa bibliográfica de cunho histórico-filosófico visando a compreensão da ciência e da técnica modernas e a dimensão política da presença delas. Para isso, os seguintes passos foram seguidos:

- a) Levantamento de bibliografia;
- b) Realização das leituras;
- c) Elaboração de fichamentos;
- d) Reuniões com a orientadora com o objetivo de discutir as leituras;

#### RESULTADOS

Até este ponto de desenvolvimento do subprojeto, mediante a revisão da literatura escolhida para abordar o tema, pode-se afirmar que existe uma divergência quanto ao âmbito de abordagem dos autores que trabalham a política na ciência. Quando estuda-se Habermas, Weber e Marcuse, pode-se perceber que a questão caminha para uma análise social do problema. Estes parecem preferir um panorama exterior da ciência, isto é, uma abordagem das consequências políticas que a ciência haveria de ter num determinado meio. No entanto, para Foucault e Heidegger, a própria política parece ser entendida de outra maneira. Não mais fala-se de um social sobre o qual recairia as questões da ciência, mas de que maneira a ciência já estaria produzindo, em seus próprios discursos, um mundo que apareceria de tal maneira e não outra.

Primeiramente, para Weber, Marcuse e Habermas, o progresso técnico-científico, de uma maneira ou de outra, possui uma dimensão política num mundo determinado. Ela não possuiria um enunciado político em si mesmo, mas, sim, os enunciados teriam consequências políticas. Max Weber propôs a racionalidade como o conceito que definiria o modo da atividade econômica capitalista, a vida social moderna dirigida pelo direito burguês e a dominação burocrática. Para ele, portanto, a racionalização significou a ampliação das esferas sociais dominadas pelos critérios de decisão racional. Neste quadro, os critérios da ação com respeito aos fins ou ação instrumental entraram acentuadamente, nas diferentes dimensões da vida humana, determinando-os.

Marcuse afirmou que Weber não percebeu que na racionalização não se implantava a racionalidade enquanto tal, mas que em nome de uma racionalidade foi instaurada uma forma de dominação política oculta, que agiria por debaixo das enunciações científicas e não na própria regra dos discursos. Marcuse postulou que essa racionalidade só se estendia a empregos possíveis da técnica e exigiria, por isso, um tipo de ação que implicava dominação quer sobre a natureza ou sobre a sociedade. A técnica, portanto, já seria um projeto histórico-social que traria desde si determinados fins e interesses de dominação num ambiente dirigido pela racionalidade instrumental ou ação racional teleológica.

### 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Habermas, em sua crítica a Marcuse, afirmou que a técnica e a ciências são ideologias e que a técnica garantiria uma extensão permanente dos subsistemas de ação racional teleológico. Sua análise indica que à proporção que as ações são determinadas pelos subsistemas de ação racional teleológica, as ações sociais tornam-se reguladas por modelos de ação instrumental ou estratégica. Para ele, portanto, a moderna racionalidade técnica e científica significa a ampliação de domínios do horizonte social sob o controle e determinação de padrões de decisão racional. A ciência apareceria como uma ação política social, que tenderia ao domínio de determinados setores aos quais não pertence. A ciência iria muito além dela mesma e seria política justamente por isso, por se impor a um meio qualquer. Não haveria aqui uma dificuldade? Será que a política só se dá em termos de dominação e dominados, em termos de reconhecimento dos pares da dialética, em quem está de um lado e quem está de outro?

Parece tratar-se sempre de uma determinada disposição das coisas, das consciências, onde o projeto técnico-científico agiria como ideologia. Pensamos que esta visão (de Habermas, Weber e Marcuse) parece extrapolar os limites da ciência e encontrar a política somente quando se age no meio socio-histórico. Trata-se sempre de um agir politicamente, mas nunca de abrir a política, de criar. Pensamos que Heidegger e Foucault, neste sentido, caminham na mesma direção. Heidegger trata, a sua maneira, a ciência como um modo de desvelamento, neste sentido muito próximo da arte. A ciência moderna desvela um mundo onde tudo está sobre o crivo do Dispositivo (Gestell), e, como tal, a técnica (sem a qual a física moderna, por exemplo, não seria experimental) descobre o real no modo da disponibilidade, ou seja, põe, dispõe do real como pronto para estar disponível. Neste sentido a técnica é exploradora, pois ela desafia o homem ao descobrir da disposição, do tornar as coisas disponíveis. As coisas, para a ciência moderna, só são conhecidas como existentes se passam pelo crivo do Dispositivo. Também é neste sentido que a física é matemática, pois ela já dispõe da natureza como matemática, ou seja, ela não é exata porque calcula com precisão, mas porque seu desvelar tem o caráter de exatidão. Portanto, trata-se de uma política num nível diferente, não como um agir social, mas como um discurso que abre mundo.

Em Foucault, essa política anterior ao social aparece de modo mais evidentemente, pois a questão não é saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência, mas sim os efeitos de poder que circulam entre os enunciados científicos: o que rege os enunciados? As grandes práticas da medicina, por exemplo, mudaram com as maneiras de falar e de ver, não agiram simplesmente nas consciências ou em um mundo determinado, mas abriram novos discursos, novas visões, que não são em si verdadeiras nem falsas. Ao contrário, para um discurso (enunciado) ser científico é preciso se encaixar num conjunto de regras que não é verdadeiro ou falso, mas, sim, político justamente por distribuir luminosidades. Vemos aqui a dificuldade de, com Foucault, seguir termos como Ideologia, que sempre pressupõe a verdade e um sujeito consciente sobre o qual recai uma dominação. Então, a questão política da ciência parece recair numa avaliação da própria estrutura do discurso: o que rege? Como se forma? Quais regras? E não em como o discurso age no mundo.

#### CONCLUSÃO

A questão da política na ciência permanece em aberto: a política é interior ou exterior a ciência e qual o estatuto deste político? Esta parece ser uma questão primordial no que se refere às diferentes posições que abordamos no âmbito desta apresentação. Na ciência não haveria de saída uma política? Não haveria já um circuito de poder pelo qual passa seus discursos? Tudo isso questionaremos em nossa apresentação.

#### REFERÊNCIAS

- HABERMAS, Jürgen. Técnica e Ciência enquanto ideologia. Lisboa: Edições 70, 1997
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1999
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder.
- HEIDEGGER, Martin. A época das imagens de mundo.
- HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica.
- CHALMERS, Alan. A fabricação da ciência. São Paulo: UNESP, 1994.
- MALISKA, Marcos Augusto. Max Weber e o Estado Racional Moderno. Revista Eletrônica do CEJUR, v.1, n. 1, ago./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.cejur.ufpr.br/revista/artigos/001-2sem-2006/artigo-02.pdf>>. Acesso em: mar. 2012.